



A AVALIAÇÃO SOCIAL DA LEITURA NO JORNAL ESCOLAR O COLEGIAL (1945-50)

*The social avaliation of reading in the School newspaper
"O colegial" (1945-50)*

TÂNIA BARROSO RUIZ¹

RESUMO: Este artigo investigou os valores acerca das práticas de leitura nos enunciados do jornal escolar O COLEGIAL. Com base na Análise Dialógica do Discurso a partir das leituras do Círculo de Bakhtin, os dados foram as seis edições anuais publicadas pelo Colégio Catarinense (1945-50). A análise apontou para a predominância de dois discursos: a leitura para a formação intelectual/moral e educacional. Em relação às práticas de ensino, o discurso predominante é: a leitura precede a escrita, sendo sua condição. Nesse discurso, os valores estão em relação dialógica de oposição: leitura profunda x amena; leitura útil, boa, recomendada, instrutiva x leitura inútil, ruim, destrutiva e leituras perniciosas.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Ensino de leitura. Jornal escolar. Ideologia. Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT: The present paper aims to investigate the practice of reading in the school newspaper O COLEGIAL. In the base of Discourse Analysis from the readings of Bakhtin Circle, the data are composed of six annual editions of the school newspaper published from 1945 to 1950. The analysis pointed to the predominance of two discourses: reading for intellectual training, moral and educational. Regarding the discursive teaching practices, there is a dominant discourse: reading precedes texts writing and reading is the essential condition. In this discourse, the values are in the dialogical relation of opposition: deep reading x balmy; useful, good, recommended and instructive reading x useless, harmful, destructive and pernicious reading.

KEYWORDS: Reading. Reading teaching. School newspaper. Discourse. Bakhtin Circle.

RUIZ, T. B. A avaliação social da leitura no jornal escolar "O colegial" (1945-50). In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ Professora de ensino superior e Doutora em Linguística Aplicada na UFSC. taniaruiz064@gmail.com





INTRODUÇÃO

As pesquisas de Amaral (2003, 2013) e de Bastos (2013) sobre jornais escolares na perspectiva da história cultural (CHARTIER, 1990) enfatizam que a publicação desses jornais foi profícua entre as décadas de 1910 a 1970 no Brasil, em decorrência do incentivo das autoridades educacionais e das ideias do escolanovismo na educação brasileira². Para Bastos (2013), o jornal escolar, elaborado pelos alunos, foi estimulado através das instituições ou das associações complementares à escola, sendo “foco de normatizações pelas quais se busca orientar minuciosamente os professores a criar um periódico em sua escola ou sala de aula, em todas as fases necessárias a sua concretização” (BASTOS, 2013, p. 8).

Ainda segundo Bastos (2013, p. 9), os “impressos estudantis são documentos preciosos para olhar a escola e, especialmente, os escritos autobiográficos e as escritas de si, reproduzidas nesses impressos”. Esse enunciado da autora estabelece relação dialógica de concordância com a intencionalidade deste artigo que investiga as finalidades e valores da leitura nos textos do jornal escolar O COLEGIAL (1945-50), de autoria do Colégio Catarinense (XXX, 2018).

A escolha desse tema³ foi decorrente de considerarmos importante conhecer as concepções e práticas de ensino de línguas do passado, dentre elas o jornal escolar e sua relação com o ensino da leitura, para compreendermos a sua ação no momento presente, pois, na visão de Bakhtin (2003 [1950]), os discursos de hoje reenunciam práticas anteriores, numa cadeia ideológica contínua. Portanto, o ensino e aprendizagem das práticas de linguagem atuais mantêm fortes elos com o que se fazia na esfera escolar em tempos passados. Como essa prática tem estado presente no ensino de língua portuguesa até os dias atuais (XXX, 2016, 2017a), retomamos Fávero (2009, p.

² Segundo Saviani (2013), Lourenço Filho foi um dos principais divulgadores e defensores das ideias pedagógicas da Escola Nova no Brasil. Em *Introdução ao estudo da Escola Nova* (1930), Lourenço Filho explica o que se deve compreender por Escola Nova e as bases científicas dessa proposta que são os estudos de biologia, psicologia e sociologia. Vide Saviani (2013).

³ Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado de RUIZ, 2017.





31), quando diz que “em cada época, o estudo de Língua Portuguesa é marcado pelas condições [...] econômicas, políticas e sociais que determinam o tipo de escola e de ensino”, sendo que, para compreendermos as práticas de ensino atuais, faz-se necessário ter conhecimento das práticas anteriores em uma perspectiva histórica.

A pesquisa se fundamenta nos escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1998[1975], 2003[1979], 2008[1963], 2010[1920/1924]); MEDVIÉDEV, 2014[1928]; VOLÓCHINOV (2013, [1926, 1930], 2017 [1929]), na Linguística Aplicada (ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, H., 2014). Também dialoga, por adotar a concepção da LA in/transdisciplinar, com os estudos da Historiografia da Educação (SAVIANI, 2009; DALLABRIDA, 2006; SOUZA, 2005; BASTOS, 2013; AMARAL, 2013) e da História das disciplinas escolares em relação à Língua Portuguesa (RAZZINI, 2000; FÁVERO, 2009). Para apresentar os resultados deste artigo, primeiro discorremos sobre a nossa base teórica, a análise do discurso do Círculo de Bakhtin na Linguística Aplicada, e as categorias de análise. Depois, apresentamos a trajetória metodológica da pesquisa, a análise dos dados e sua discussão. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os resultados e sua contribuição para pesquisas futuras.

1. BASE TEÓRICA E CATEGORIAS DE ANÁLISE: IDEOLOGIA, VALORAÇÃO E CRONOTOPO

Para o Círculo de Bakhtin, o enunciado⁴ é a unidade real da comunicação discursiva que materializa o projeto de dizer dos sujeitos sociais e históricos, sendo que sua natureza é social. É a partir da interação verbal de dois indivíduos socialmente organizados, um falante e um ouvinte (um *eu* e um *outro*), que ocorre a comunicação, mediada pela palavra, concebida como signo social e ideológico. Assim, a natureza social do enunciado é determinada pelas condições reais da comunicação, isto é, pela situação social mais

⁴ Neste artigo, consideramos que não há prejuízo de sentido entre os termos enunciado e enunciação, haja vista no russo a palavra ser *vyskazyvanie*, que designa ‘enunciado’ e ‘enunciação’.





imediate do grupo social do qual os indivíduos fazem parte, pois “a palavra dirige-se a um interlocutor [...]: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p.112). Nessa perspectiva, qualquer enunciado tem uma dimensão avaliativa que é expressa a partir de certo posicionamento social.

Para compreender um enunciado, é necessário, portanto, conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico. Medviédev (2012 [1928]) discorre sobre a construção poética do enunciado artístico a partir da abordagem do caráter histórico da ligação entre signo e sentido. Segundo ele, a avaliação social é “a atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude de seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 184). Isso quer dizer que a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado e encontra a sua expressão na entonação, isto é, na expressividade.

Acosta-Pereira e Rodrigues (2014) consideram que a inter-relação entre linguagem e ideologia é mediada pela avaliação social/valoração, posto que os enunciados materializados nos discursos contêm uma dimensão avaliativa: “nesse contexto, observa-se o postulado da não neutralidade dos discursos, uma vez que estes são sempre marcados pela valoração de uma dada ideologia” (ACOSTA-PEREIRA, R; RODRIGUES, R. 2014, p.178). Dentre as propriedades do enunciado – alternância dos sujeitos do discurso, conclusibilidade e expressividade – para os autores, a resposta ao enunciado é um ato de valoração sobre o enunciado do outro; a conclusibilidade indica um trabalho de valoração, uma vez que responder ao outro é posicionar-se axiologicamente frente ao enunciado do outro; e a expressividade de um enunciado é uma das marcas da posição valorativa dos participantes da comunicação discursiva. Para esses autores, a ideologia se refere ao horizonte axiológico do discurso e a avaliação social/valoração são os índices sociais, sendo que os enunciados/gêneros discursivos materializam tanto a avaliação social/valoração quanto a ideologia.





Como os enunciados são produzidos em diferentes esferas da atividade humana⁵, os locais em que ocorrem a *práxis* e a criação cultural, cada esfera tem sua própria maneira de criar produtos e discursos, que não apenas se orientam para a realidade, mas a refratam a partir de um ângulo, de uma dada posição axiológica, pois “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele reflete e refrata outra” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 32). Isso nos leva a considerar, na análise dos enunciados, tanto a situação imediata (o horizonte comum entre os interlocutores), quanto o meio social mais amplo. Esse meio é definido pelas especificidades de cada esfera (educação, ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.), que é formada pelos sujeitos que integram diferentes grupos sociais. Além disso, Bakhtin (1998 [1975]) entende que as situações sociais de interação são constituídas por uma instância de tempo definido e espaço, o cronotopo.

Bakhtin afirma que o cronotopo é importante no gênero romance, porque, na esfera artístico-literária, o princípio condutor do cronotopo é o tempo. Essa investigação do problema do tempo no romance (como o tempo é abordado ou qual é a concepção de tempo) nos leva a compreender também a concepção de homem (sujeito) na obra, pois, para Bakhtin, “essa imagem é fundamentalmente cronotópica” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 212). Para o autor, a concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem (sujeito) que está situado em um dado espaço social e tempo histórico em constante transformação.

Por fim, Bakhtin afirma que a dimensão cronotópica dos enunciados se estende para outros domínios, pois “qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 362). Desse modo, a identificação do cronotopo nas produções discursivas, como o jornal escolar O COLEGIAL (1945-1950), pode auxiliar a nos revelar a visão de homem, de sociedade e cultura de determinado tempo histórico, e essa é uma visão axiológica e ideologicamente construída da realidade.

⁵ Também denominadas esferas da comunicação verbal, domínios, intercâmbio comunicativo, campo, esferas sociodiscursivas.





Cabe explicar que as categorias de análise – ideologia, valoração e cronotopo – não foram previamente definidas para a análise dos discursos que tematizam a leitura no jornal escolar O COLEGIAL, pois “as contribuições bakhtinianas [...] constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador” (BRAIT, 2006, p. 29).

Nessa perspectiva, primeiro buscamos depreender o cronotopo predominante, ou englobador, no qual o jornal escolar O COLEGIAL (1945-50) estava inserido, pois, segundo Acosta-Pereira e Rodrigues (2014, p.189), o cronotopo “[...] é, de fato, o campo de visão axiologicamente marcado para [os] eventos [do homem]”. Em seguida, com base na concepção dialógica de linguagem dos escritos do Círculo de Bakhtin, investigamos as finalidades e os valores da leitura discursivizados no jornal escolar O COLEGIAL.

2. METODOLOGIA

Iniciamos este artigo, que integra os estudos do discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin na Linguística Aplicada, sobre a produção de jornais em Santa Catarina, por meio de uma visita à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC), situada na cidade de Florianópolis/SC, para levantar dados sobre a produção de jornais em Santa Catarina e, dentre eles, o jornal escolar⁶. Dentre o material selecionado e analisado, elegemos as seis edições anuais do jornal escolar O COLEGIAL – *Órgão dos alunos do Colégio Catarinense* (figura 1), de autoria do Colégio Catarinense (1945-50), que correspondem a 44 (quarenta e quatro) exemplares que constam no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC)⁷. Em seguida, procedemos à leitura desse material e realizamos a análise de base dialógica. Nesse processo, o pesquisador participa da criação do objeto de forma dialógica e, por isso, a

⁶ Maiores detalhes sobre o processo de elaboração dos dados e os motivos da escolha do jornal escolar O COLEGIAL (1945-50), vide RUIZ (2017b).

⁷ O “Catálogo de Jornais Catarinenses: 1831- 2013” e os respectivos exemplares estão disponíveis para consulta no site da Fundação Catarinense de Cultura como parte integrante da Hemeroteca Digital Catarinense: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>.





construção do objeto de análise se constitui na interação entre o enunciado do sujeito pesquisado com o contexto social e histórico, e estes são novamente enunciados pelo sujeito pesquisador na produção de discurso (AMORIM, 2004),

Figura 1 - O COLEGIAL, Florianópolis, dez. 1947, n.10, Ano III, p.1.



Fonte: acervo particular das autoras.

Esse percurso metodológico parte de se buscar primeiramente a compreensão dos discursos que incidiam na esfera escolar na época de publicação do jornal escolar O COLEGIAL (1945-50). Para isso, analisamos os discursos sobre esse período a partir da Historiografia da Educação (SAVIANI, 2009, 2013, 2015; ROMANELLI, 2014; DALLABRIDA, 2001, 2006, 2012; RAMOS, 2009), ou seja, a dimensão social e histórica mais ampla. Esse cronotopo predominante dialoga com outros cronotopos que se referem ao ensino secundário catarinense (DALLABRIDA, 2001, 2006, 2012; RAMOS, 2009), aos documentos oficiais do período e à produção de jornais na área educacional (BASTOS, 2013; AMARAL, 2002, 2003, 2013). Na sequência, retomamos os já-ditos sobre o Colégio Catarinense e a pedagogia católica (DALLABRIDA, 2006, 2008; SOUZA, 2005), para situarmos a dimensão social e histórica mais imediata do jornal escolar O COLEGIAL. Por fim, realizamos





uma descrição do jornal escolar *O COLEGIAL*, concebido como um conjunto de enunciados.

Realizada essa etapa, analisamos as questões de linguagem referentes às edições do jornal escolar *O COLEGIAL* dos anos de 1945, 1946, 1947, 1940, 1949 e 1950 para o recorte dos dados (vide quadro 1). Para isso, revisitamos as pesquisas que abordam o ensino de leitura na disciplina de Língua Portuguesa (RAZZINI, 2000; SOARES, 2002; FÁVERO, 2009) nos colégios secundários brasileiros e, especificamente, no Colégio Catarinense, no cronotopo do jornal escolar *O COLEGIAL* (1945-1950).

O resultado desse diálogo com os dados resultou na seleção de vinte e cinco textos (25), elencados no quadro 1.

Quadro 1 - Textos publicados no jornal escolar *O COLEGIAL* (1945-1950)

O COLEGIAL 1945

- Nº 1 – Livros Novos.
- Nº 2 – Morreu o P. Schrader; A biblioteca dos alunos do Colégio Catarinense.
- Nº 5 – Frutos de Leitura – Os barrigas-verdes.
- Nº 8 – Atividades do Grêmio C. P. Schrader.
- Nº 9 – Justificando o nome Grêmio C.P. Schrader.
- Nº 10 – Frutos de Leitura – O caráter.

O COLEGIAL 1946

- Nº 1 – Fedro.
- Nº 5 – A higiene da vista na leitura.
- Nº 7 – Livros Novos.
- Nº 8 – Esopo; Canção militar do Ginásio Catarinense.
- Nº 9-10 – Olavo Bilac; Teatro.

O COLEGIAL 1947

- Nº 2 – Novos Livros.
- Nº 3 – O Dia Pan-Americano; Coluna do Grêmio C. P. Schrader.
- Nº 4 – Um leão quer fundar um ginásio.
- Nº 5 – A pasta do Hélio.
- Nº 8 – Concurso de contos do Grêmio C. P. Schrader .
- Nº 10 - Quem não sabe ler e escrever: Não pode compreender o que significa a liberdade.

O COLEGIAL 1948

- Nº 1 – Cruz e Souza.
- Nº 3 – Quem não sabe ler e escrever: Não pode admirar os grandes documentos escritos que atestam o progresso humano; Livros Novos.
- Nº 4 – Quem não sabe ler e escrever: Não dispõe de elementos para o aperfeiçoamento de sua própria personalidade. Nº 5 – Prova de Português.

O COLEGIAL 1950

- Nº 6 – Queima de gibis.

Fonte: produção da autora. *O Colegial* (1945-1950), Hemeroteca digital da BPSC, 2016.





Na próxima seção, apresentamos o resultado da análise desses textos, que teve como passo inicial o processo de compreensão da dimensão sócio-histórica mais ampla e da específica (RUIZ, 2017b) das interações em que o jornal escolar O COLEGIAL (1945-1950)⁸ estava inserido. Consideramos que a compreensão dessa dimensão nos auxilia na formulação das leis explicativas do texto e na interpretação de seus sentidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados apontou dois discursos norteadores em relação à leitura, a saber: 1. a leitura para a formação intelectual e moral; 2. a leitura para a formação educacional dos sujeitos. Essa ideologia é refratada nos textos selecionados que foram publicados em O COLEGIAL nas edições de 1945 a 1950, sendo associada a diferentes finalidades e valores em relação à leitura e ao seu ensino no curso secundário do Colégio Catarinense.

Em alguns textos há predominância de um desses discursos, mas em outros ambos estão refratados, ou seja, temos os dois discursos. Nos textos em que é tematizado o ensino de leitura, foram apreendidas práticas de ensino de leitura, realizadas no Colégio Catarinense, tendo como dados os textos escritos pelos estudantes secundaristas, selecionados pela direção do Colégio Catarinense dentro dos critérios da pedagogia tradicional de base inacioniana para serem publicados no jornal escolar O COLEGIAL.

Pela análise dos dados, em que o “*objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante*”. Verdadeira polifonia que o pesquisador deve poder transmitir ao mesmo tempo em que dela participa” (AMORIM, 2004, p. 19, grifos da autora), e partindo da dimensão social e histórica mais ampla e da específica, delineadas em Ruiz (2017b), ou seja, o cronotopo, os dados apontaram para a predominância de dois discursos sobre a leitura, a saber: 1. Ler para a formação intelectual e moral; 2. Ler para a formação educacional, com as seguintes finalidades, conforme quadro2.

⁸ Vide RUIZ (2017b).





Quadro 2 - Finalidades da leitura em O COLEGIAL (1945-50)

DISCURSOS	FINALIDADES
FORMAÇÃO INTELLECTUAL E MORAL	Ler para adquirir conhecimento Ler para possuir saber Ler para ter cultura Ler para dispor de informação Ler para interpretar Ler para conhecer a realidade Ler para formar opinião Ler para cultivar valores Ler para conhecer a verdade Ler para ser livre Ler para obter clareza
FORMAÇÃO EDUCACIONAL	Ler para estudar Ler para escrever textos Ler para realizar conferências Ler para fazer atividades escolares Ler para oralizar o texto escrito Ler para disfrutar Ler para obter instrução Ler para estabelecer contato Ler para memorizar Ler para cantar Ler para estar informado

Fonte: produção de RUIZ (2017b).

Em relação aos valores da leitura, a seção de *O COLEGIAL*, denominada “Livros Novos ou Novos Livros”, publicava o gênero discursivo resenha de livros, nos quais os autores dos textos, os professores do Colégio Catarinense e antigos alunos, indicavam livros para leitura e teciam comentários sobre o teor das obras. Na primeira edição desse jornal escolar, o livro selecionado para essa finalidade foi “Santo Inácio de Loiola”, escrito pelo Padre Bertoldo Braun, e publicado pela Editora do Brasil S/A em 1944 (figura 02). Essa indicação, no primeiro número de *O COLEGIAL* (1945), aponta a leitura para a formação intelectual e moral. Constatamos esse discurso quando é enunciado pelo autor do texto, a instituição educacional, porque esse texto não está assinado, a seguinte passagem: “Não é só a história de Inácio, é a história do século XVI”, que faz prevalecer a relevância do conteúdo histórico e, portanto, intelectual dessa obra, deixando subentendida a intenção de





divulgação das ideologias e dos valores morais da pedagogia católica de base inaciana através da leitura dessa obra.


Os discursos remetem à leitura para a formação moral “aproveitamento” e “edificação”, sendo, nesse caso, a leitura para a formação religiosa com base nos valores da Companhia de Jesus. A tonalidade – “Livro precioso”, “De rico conteúdo” – marca a posição valorativa do autor do texto que enaltece os valores cristãos, vinculados à pedagogia católica, de base inaciana, tendo como princípios educativos os desenvolvidos no livro indicado para a leitura nessa seção. Para convencer os seus interlocutores, o autor enuncia que a leitura dessa obra é uma forma de divertimento, de lazer, ou seja, na voz do autor do texto: “um livro, cuja leitura é recreio”.

Os discursos remetem à leitura para a formação moral “aproveitamento” e “edificação”, sendo, nesse caso, a leitura para a formação religiosa com base nos valores da Companhia de Jesus. A tonalidade – “Livro precioso”, “De rico conteúdo” – marca a posição valorativa dos discursos que remetem à leitura para a formação moral “aproveitamento” e “edificação”, sendo, nesse caso, a leitura para a formação religiosa com base nos valores da Companhia de Jesus. A tonalidade – “Livro precioso”, “De rico conteúdo” – marca a posição valorativa de que essa leitura é “utilíssima” (adjetivo no grau superlativo), ou seja, de grande valor, aos sujeitos que “procuram edificação e história”, o que nos aponta a função da leitura para o aprimoramento moral e intelectual.





Figura 02 - Livros Novos. O COLEGIAL, Florianópolis, jan. 1945, n.1, Ano I, p.2.

<p style="text-align: right;">O COLEGIAL</p> <p style="text-align: center;">LIVROS NOVOS</p> <p style="text-align: center;">Acaba de sair do prelo:</p> <p style="text-align: center;">Padre Bertoldo Braun S. J., - SANTO INÁCIO DE LOIOLA</p> <p style="text-align: center;">Editora do Brasil S/A - S. Paulo - 1944</p> <p>O Rev. P. Diretor do nosso Colégio enriqueceu a literatura hagiográfica e histórica com um livro precioso:</p> <p>Vida de S. Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus, contada em frases simples, mas empolgantes. Não é só a história de S. Inácio, é a história do século XVI, pois não houve nenhum acontecimento de importância em que Inácio e a nova Companhia não tomassem parte ativa.</p> <p>Do rico conteúdo cito alguns capítulos: Pagem donairoso, Soldado destemido, Travessura de mancebo, Peregrino penitente, A pé pela Itália, Santo e espião, Inquisição e cárceres, Os exercícios espirituais, Inácio, amigo do Brasil.....</p> <p>Um livro, cuja leitura é recreio e aproveitamento. Livro que será utilíssimo a todos que procurem edificação e história. Principalmente será bemvindo a todos os amigos da Companhia e aos antigos alunos de Jesuitas.</p> <p>O bom livro é uma das maiores preocupações dos nossos dias: eis um livro que se recomenda sob todos os pontos de vista.</p> <p>A' venda em todas as Livrarias da Capital.</p> <div style="text-align: center;">  <p>O autor</p> <p>R.P. Alvino Bertoldo Braun S.J., Diretor do Colégio Catarinense</p> </div>	<p style="text-align: center;">LIVROS NOVOS</p> <p>Acaba de sair do prelo:</p> <p style="text-align: center;">Padre Bertoldo Braun S. J. SANTO INÁCIO DE LOIOLA</p> <p style="text-align: center;">Editora do Brasil S.A - S. Paulo - 1944</p> <p>O Rev. P. Diretor do nosso Colégio enriqueceu a literatura hagiográfica e histórica com um livro precioso: Vida de S. Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus, contada em frases simples, mas empolgantes. Não é só a história de Inácio, é a história do século XVI, pois não houve nenhum acontecimento em que Inácio e a nova Companhia não tomaram parte ativa.</p> <p>De rico conteúdo, cito alguns capítulos: Pagem donairoso, Soldado destemido, Travessura de mancebo, Peregrino penitente, A pé pela Itália, Santo e espião, inquisição e cárcere. Os exercícios espirituais, Inácio, amigo do Brasil..</p> <p>Um livro, cuja leitura é recreio e aproveitamento. Livro que será utilíssimo a todos que procuram edificação e história. [...]</p>
--	---

Fonte: acervo e produção de RUIZ (2017b).





O discurso da leitura para a formação intelectual também está presente na segunda indicação de leitura na mesma seção, publicada em 1946 (O COLEGIAL 1946, Nº 7 – Livros Novos, p.2), que tem como projeto de dizer convencer os seus interlocutores, os leitores do jornal escolar, sobre a importância da leitura para adquirir conhecimento: “Em nove fardos capítulos, estuda o autor, a mão de uma bibliografia rica, a mitologia de tribos brasileiras” e “Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heroica de algumas tribos indígenas brasileiras”. Esse discurso reforça a ideologia de que a leitura tem como finalidade a formação intelectual dos sujeitos por meio dos conteúdos científicos: “nove fardos capítulos”, “bibliografia rica”, valores marcados pela expressividade desses enunciados. O valor do esforço (ideologia do catolicismo) para a superação das dificuldades, é expresso em parte no trecho: “A leitura do livro não é fácil, é um estudo profundo”, que aponta para a relação entre leitura e estudo, ou seja, ler para instruir-se, ler para possuir saber.

Os discursos que tematizam as indicações de leitura visavam à formação ideológica dos estudantes e de leitores dentro dos valores do catolicismo e da opção política dos padres jesuítas que dirigiam o Colégio Catarinense. Segundo Souza (2005, p.181), “os alunos eram estimulados a estudar assuntos sociais e morais e exortados à luta contra as doutrinas negativas”. Isso nos mostra o papel ativo do Colégio Catarinense em defender a sua posição axiológica através da produção de discursos voltados não apenas à formação científica e moral dos estudantes, mas também à formação política e, portanto, doutrinária, como é materializado no texto, da figura 2, denominado “Queima de Gibis.”

Segundo Souza (2005, p. 174-175), a cruzada eucarística iniciada em 8 de agosto de 1949, reunia os estudantes do Colégio Catarinense para prepará-los para realizarem determinadas ações no ambiente escolar. Dentre as obrigações dos cruzados, o autor destaca “a campanha da boa leitura”, lançada em 1950 para que os alunos menores juntassem gibis e jornais infantis considerados ‘perigosos’ pelo Colégio Catarinense. O resultado dessa campanha foi publicado no texto em O COLEGIAL (figura 3), reafirmando os valores atribuídos às leituras não permitidas por essa instituição.





Chartier (1998), ao abordar a relação entre a cultura escrita e a censura de obras consideradas subversivas pelas autoridades políticas e religiosas, afirma que “a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência seus autores, pensavam erradicar para sempre as suas ideias” (CHARTIER, 1998, p. 23). O discurso autoritário é refratado pelo projeto de dizer do autor: “resultado da campanha contras as leituras perniciosas”, e “se incorpora indissolúvelmente à autoridade – o poder político, a instituição, a personalidade – com ela permanece e com ela cai” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 144), que seria a voz da instituição educacional e católica, o Colégio Catarinense.

Figura 3 - Queima de Gibis. O COLEGIAL, Florianópolis, ago. 1950, n.6, Ano VI, p.2.

<p style="text-align: center;">QUEIMA DE "GIBIS"</p> <p>Como resultado da campanha contra as leituras perniciosas, os cruzados juntaram uns duzentos "Gibis" e outras revistas semelhantes. A queima dessas publicações foi feita no dia 12/8, após a reunião. Para facilitar a queima, os cruzados desfizeram as revistas e amassaram as folhas, constituindo uma fogueira de quase dois metros de altura. "Ibis", o Capitão Marwel, o Super-homem, e muitos outros "heróis", desta vez não conseguiram escapar das vermelhas labaredas que os reduziram a cinza.</p>	<p style="text-align: center;">QUEIMA DE GIBIS</p> <p>Como resultado da campanha contras as leituras perniciosas, os cruzados juntaram uns duzentos gibis e outras revistas semelhantes. A queima dessas publicações foi feita no dia 12/08 após a reunião.</p> <p>Para facilitar a queima, os cruzados desfizeram as revistas e amassaram as folhas, constituindo uma fogueira de quase dois metros de altura – Ibis, o Capitão Marwel, o Super-homem e muitos outros "heróis", desta vez não conseguiram escapar das vermelhas labaredas que os reduziram a cinza.</p>
---	---

Fonte: acervo e produção de RUIZ (2017b).





O projeto de dizer desse texto era voltado principalmente aos estudantes do Colégio Catarinense. O tema revela relações dialógicas de concordância com a perseguição de determinadas obras e autores, ocorrida na época da Segunda Guerra Mundial, no seguinte trecho: “constituindo uma fogueira de quase dois metros de altura”. Isso pode ser explicado porque a queima de livros é um ato ritual e, portanto, simbólico, praticado em público, com a intencionalidade de demonstrar a oposição cultural, política ou religiosa aos conteúdos de determinadas obras, nesse caso os gibis, que se opõem à ideologia oficial dominante. A queima de livros na Alemanha, no contexto do nazismo, simbolizou a força do regime político para silenciar as vozes discordantes de sua ideologia, ou seja, para censurar outras formas de cultura. Podemos dizer que esse é um cronotopo sógnico, e que esse ato de queimar os gibis e de outras obras concebidas como leituras perniciosas está em relação dialógica de concordância com as ações de grupos sociais desse período histórico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cronotopo do jornal escolar O COLEGIAL, a leitura para a formação intelectual e moral fazia parte do discurso educacional da pedagogia tradicional que influenciou a formação de sujeitos na sociedade brasileira e catarinense até meados da década de 50 do século XX. E, de certo modo, esse discurso tem ecos até os dias atuais quanto às finalidades da leitura na esfera escolar: ler para adquirir conhecimento, ler para possuir saber, ler para ter cultura, ler para dispor de informação, ler para interpretar, ler para conhecer a realidade e ler para formar opinião. Isso pode ser explicado ao retomarmos nossa base teórica, pois, para o Círculo de Bakhtin, os discursos de hoje reenunciam práticas anteriores, numa cadeia ideológica contínua.

No tocante à pedagogia tradicional católica, de base inaciana, os valores atribuídos à leitura como profunda e amena, relacionam-se com a prática de ensino da leitura, no sentido de que as obras são classificadas conforme o seu conteúdo e são indicadas para o desfrute ou para o estudo (formação





intelectual). Já os seguintes valores: útil, recomendada, boa e instrutiva se referem aos temas das obras a serem lidas pelos estudantes que estão em relação dialógica de concordância com as ideologias da doutrina social católica (formação intelectual e moral).

O discurso que tematiza as leituras proibidas aponta a predominância do discurso autoritário no ensino de língua portuguesa e nas demais disciplinas do curso secundário. Segundo Bakhtin, a palavra de *outrem* adquire um sentido mais profundo do que apenas de informação, indicação, regras e modelos, ela passa a definir as bases da nossa atitude ideológica frente ao mundo. Nessa perspectiva, eram apenas publicados no jornal escolar O COLEGIAL os textos em que seus temas estavam em relação dialógica de concordância com as ideologias e os valores da pedagogia católica daquela época, tais como: leitura útil, recomendada, boa, instrutiva, profunda (para estudo) e amena (para diversão, deleite). Em relação dialógica de oposição com esses valores, estavam as outras leituras, valoradas por essa instituição educacional e, portanto, pelos integrantes desse grupo social, como leituras inúteis, perniciosas, proibidas, ruins, destrutivas e, por essas características, a serem não somente evitadas pelos estudantes católicos, mas combatidas frente a outros grupos de estudantes da sociedade catarinense daquela época.

Em relação ao ensino de leitura da época de publicação do jornal escolar O COLEGIAL (1945-1950), o Colégio Catarinense seguia o programa de português de 1943 (Portaria n.87 de 23 de janeiro) dos cursos Clássico e Científico do colegial (RAZZINI, 2000). Nesse programa, a leitura era associada com o conhecimento da tradição literária, sendo valorizadas as literaturas portuguesa e brasileira e os escritores do cânone, isto é, os nomes consagrados pela crítica e história literária. Cabe destacar que, nessa época, predominavam na escola brasileira as seletas de textos e os compêndios gramaticais (RAZZINI, 2000; SOARES, 2002; FÁVERO, 2009), que deram origem ao livro didático de português. Nesse contexto sócio-histórico, os discursos de O COLEGIAL refratavam essa concepção de leitura, uma vez que a leitura era realizada apenas a partir dos textos literários. Além disso, lia-se





para a realização das tarefas escolares, como a redação, provas e resenhas, que poderiam ser publicadas em O COLEGIAL.

A leitura e seu ensino discursivizados no jornal escolar O COLEGIAL revelam que o projeto pedagógico do Colégio Catarinense daquela época visava a formação dos estudantes na doutrina social cristã, a fim de que os alunos egressos promovessem “o projeto social católico de moralização e fomento à produção” (SOUZA, 2005, p.178), na sociedade catarinense. Essa intenção ocorria pelos discursos educacionais que, ao primar pela formação intelectual e moral dos estudantes, tinha como base o controle das leituras, ou seja, do conhecimento. Essa posição autoritária do Colégio Catarinense promovia a relação entre leitura, saber e poder, que nos remete à fala de Bakhtin: “[...] sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento” de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 294).

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. A valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem e (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n.1, p.177-194, jan./abr., 2014.

AMARAL, G. L. Reflexões sobre a produção de jornais estudantis em escolas de ensino secundário (1930 -1960): a contribuição da obra “Jornais escolares” de Guerino Casasanta. *In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Anais*. Cuiabá: UFMT, 2013. V.1.p1-11.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1998 [1975].

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].





BASTOS, Escritas estudantis em periódicos escolares. **Revista Educação:** Porto Alegre, v.10, n. 40, maio/ago 2013, p.7-10.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1998.

DALLABRIDA, N. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 167-192, Jan./abr. 2012.

FAVERO, L. L. História da disciplina português na escola brasileira. **Diadorim:** revista de estudos linguísticos e literários. Rio de Janeiro, n. 6, p.13-35, 2009.

MACHADO, A.; MARCELINO, R.(Org.) **Catálogo de jornais catarinenses:** 1831 – 2013. Florianópolis: FCC, 2014. 2.ed.

MAGALDI, A.M.B de M.; XAVIER, L. N. (Org.). **Impressos e história da educação:** usos e destinos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.** Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

O COLEGIAL (Colégio Catarinense – Florianópolis).1945-1950.

RAZZINI, M.P.G. **O espelho da nação:** a antologia nacional e o ensino de português e literatura (1837-1971). Tese (Doutorado), UNICAMP, Campina, 2000.

RUIZ, T. M. B. R. O projeto didático do jornal escolar no ensino crítico de linguagem. **Caminhos de Linguística Aplicada.** Taubaté, SP: Unitau, vol. 15, n.2, 2016, p.01-20.

RUIZ, T. M. B. R. O jornal escolar DE OLHO NO CARVA: uma experiência de ensino e aprendizagem de escrita. *Linguagem em Foco*, v.9, p.115-135, 2017b.

RUIZ, T. M. B. R. **A posição axiológica do jornal escolar O COLEGIAL acerca das práticas de leitura.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017b.

RUIZ, T. M. B. R. A autoria institucional no jornal escolar O COLEGIAL (1945-50). **Revista Bakhtiniana de Estudos do Discurso.** São Paulo, 14 (1): 150-170, Jan./Mar. 2019.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002, p.155-177.

SOUZA, R. L. de. Uma história inacabada: Cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.ALLE, I. R; DALLABRIDA, N. (Org.).





Ensino médio em Santa Catarina: histórias, políticas e tendências. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2017.

